

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

Estabelecendo conexões: uso da conversação no ambiente escolar para proteção á vida

Maísa Moura Chaves de Oliveira

Belo Horizonte - MG

2024

Maísa Moura Chaves de Oliveira

Estabelecendo conexões: uso da conversação no ambiente escolar para proteção a vida

Produto didático-pedagógico apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação e Docência (PROMESTRE) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Teixeira Castilho

Linha de pesquisa: Educação, Ensino e Humanidades

Introdução

Alguns estudos vêm responsabilizando o modelo político econômico em que vivemos, o neoliberalismo, como um dos principais agentes na produção e gestão de sofrimentos e adoecimentos sociais e psíquicos (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER. 2020), com relação a este respeito, podemos considerar o suicídio e a ideação suicida entre estas formas de sofrimentos gerados por este modelo econômico. Segundo a OMS (2015) o suicídio representa a terceira maior causa de morte entre os jovens de 15 a 29 anos brasileiros.

Para compreendermos o suicídio entre os jovens e; como os jovens subjetivam e falam deste assunto, devemos considerar os contextos sociais e individuais presentes na realidade desse grupo social, investigando como tal questão afeta esta parcela da população. Como sabemos, a escola é um espaço de circulação de um número significativo de jovens e adolescentes, e é uma instituição fundamental na produção desses sintomas, mas ao mesmo tempo, se faz um espaço possível para ações de prevenção ao suicídio.

Preteendemos, discutir sobre a questão do suicídio entre jovens da periferia da região metropolitana de Belo Horizonte, mais especificamente, em uma escola pública da cidade de Contagem. A proposta é, a partir da metodologia da conversação - uma intervenção de grupo com orientação psicanalítica - **demonstrar, elucidar e intervir**, produzindo efeitos de subjetivação neste grupo de jovens sobre a questão do suicídio.

Uso da conversação para mais além do individual para enfrentamento da ideação suicida

A escolha pela utilização da metodologia de intervenção da conversação, deve-se, entre outros aspectos, por se tratar de uma escuta do inconsciente, que leva em consideração os conflitos individuais dos sujeitos que são atravessados pelo social. A metodologia da conversação nos permite examinar as formas de subjetivação e de saber destes sujeitos com relação a temática do suicídio, em uma escola na cidade de Contagem, região metropolitana de BH, e as consequências desta intervenção, seus efeitos sobre o saber e sobre a questão suicidária juntamente com as estratégias de resistência sobre esta condição.

Essa metodologia de intervenção é um dispositivo criado pelo psicanalista Jacques-Alain Miller na década de 1990. A finalidade é criar um espaço de oferta da palavra, reconhecendo e respeitando a singularidade e a palavra de cada um. Ao mesmo tempo que surgem questões coletivas; também aparecem questões individuais, o objetivo é fazer circular esses saberes

produzindo um efeito subjetivo entre os sujeitos; ou seja: um novo saber e outras formas de vínculos

O uso da conversação na educação possibilita que as pessoas ao falar de si problematizam as formas de poder, as desigualdades, a violência institucional e todo o sistema, mas além das questões sociais, na conversação cada sujeito também vai trazer algo de si. Para Libéria Neves (2014), a palavra é fundamental para se tecer discursos e laços sociais, com isso, “o grupo, tomado como um sujeito, produz uma fala a partir dos elementos singulares dos participantes, os quais constituem um discurso referente ao todo do sintoma daquele coletivo.”

De acordo com bell hooks, a comunidade no ambiente escolar só é possível a partir da prática de uma educação progressista. “A educação progressista, educação com prática de liberdade, prepara-nos para confrontar sentimento de perda e para restaurar nosso senso de conexão. Ela nos ensina a criar uma comunidade.” (hooks, 2021, p. 29). Se as teorias apontam que a ausência do senso de coletivo é uma marca do neoliberalismo e que tal aspecto tem contribuído para os sofrimentos sociais (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER. 2020) (DARDOT; LAVAL, 2016), uma intervenção que propõe a proteção à vida deve se atentar a comunidade. E se essa intervenção se propõe atingir o espaço escolar e os sintomas produzidos pelas instituições escolares a partir do discurso neoliberal, se beneficia quando politicamente se estabelece pela educação progressista.

Os encontros: conversação em prática

O primeiro contato com as/os jovens ocorreu por meio de uma conversa com todas as turmas do turno da tarde. Estiveram presentes cerca de 80 estudantes e alguns professores. O objetivo principal desse primeiro encontro foi apresentar a pesquisa e convidar estudantes para participarem dos encontros de conversação, que aconteceriam nas escolas nas semanas seguintes. Ao final desse encontro foi disponibilizada uma lista para o preenchimento das/dos estudantes que gostariam de compor esse grupo. Onze jovens manifestaram desejo de participar. Eles foram adicionados a um grupo de Whatsapp para organizarmos as datas dos encontros.

Foram organizados junto ao grupo de estudantes interessados 7 encontros. Cada encontro teve a conversação orientada a partir de um tema específico que buscou intervir sobre aspectos da escola e questões da juventude. O primeiro encontro tem como objetivo principal

a apresentação das participantes, discutir melhor os objetivos dos encontros e iniciar a criação dos vínculos de confiança.

No segundo encontro o tema proposto para a conversação foi *Sociedade*. O objetivo era refletir sobre as relações da sociedade com as experiências individuais e conseqüentemente os sintomas sociais, com isso pudemos elucidar como as questões sociais afetam a auto estima de cada um, as tendências depressivas, de falta de autoestima e as questões de falta de reconhecimento social foram bem trabalhadas, produzindo reflexões, novos saberes, novas partilhas, vínculos diferentes.

Optamos por trazer o *corpo* para o centro da roda no terceiro encontro. Dedicar este espaço para este tema se faz importante por ser o *corpo* a materialidade para direcionamento de sentimentos que não conseguem ser expressos por outros meios. Este encontro produziu a experiência de poder olhar para si e quebrar com os olhares estereotipados. Ao colocar a possibilidade de uma interpretação crítica da construção da autoimagem e das identidades, pleiteamos o corpo como uma dimensão que se constitui de subjetividades, que no nosso contexto são postas pelo neoliberalismo, e desse possibilitamos a desalienação dos sujeitos.

No quarto encontro estimulamos a reflexão para a construção de objetivos e sonhos pessoais, com o intuito de analisar as dificuldades e traçar possibilidades e estratégias de vida que levem a um futuro diferente, menos feio. Partiu-se da ideia de sonhos de Paulo Freire (2022), portanto considerando o sonho o motor para a invenção de um futuro. O que se pretendeu foi possibilitar a construção de um sonho que projeta para além das possibilidades que o neoliberalismo apresenta às juventudes, buscando fazer perceber essas prescrições de uma forma crítica e, pelo uso da palavra, estabelecer novas formas de constituição de si.

Para o quinto e sexto encontros trouxemos para a roda uma conversação sobre a escola, com objetivo de compreender qual o papel dessa instituição e com expectativas de que se conceba novas apropriações. Pudemos interpretar ao longo desses encontros que, o grupo apresenta como problemática a característica de excessiva cobrança e os processos de individualização que tem se imposto. Com isso, se exprime, o caminho para uma educação para a proteção à vida, não é se render às demandas neoliberais sob a escola. O caminho que esses e essas jovens apontam é de se fazer da escola um lugar para se sentir bem e pertencente, se fazer da escola um lugar onde seja possível construir laços sociais.

No último encontro, o grupo trouxe elaborações sobre *Proteção à vida*. Baseados na literatura compreende-se que é fundamental que se fale sobre suicídio (OMS, 2000), é essencial que se traga a palavra para o centro do debate. Foi possível que levantássemos fatores da sociedade em relação ao suicídio, em que principalmente se destacou a ausência de políticas públicas, juntamente com as questões individuais. A conversação permitiu produzir uma outra relação com o suicídio para cada um/uma e para o grupo. Também produziram-se estratégias de prevenção que contribuem para o enfrentamento de situações de sofrimento, seja pela busca do que existe de política pública ou com o fortalecimento dos laços coletivos.

Considerações finais

Essas intervenções foram realizadas em uma escola, onde não necessariamente se tenha uma situação limite ou que se tenha uma demanda específica em relação ao suicídio. Por isso, a ida a esse espaço trouxe a questão de como colocar essa de modo positivo e preventivo, o que nos fez buscar temas para a conversação que permeiam a questão da ideação suicida, para então colocar o assunto no centro da roda. Compreende-se que o pensamento sobre suicídio se faz presente nas escolas, e na maioria das vezes em silêncio. Por isso, propomos não a tratar o suicídio, mas prevenir. Não é esperar que um caso exista para agir, mas intervir antes que venha à tona.

O suicídio pode ser compreendido como uma resposta dos sujeitos aos mecanismos de desumanização e invisibilidade produzido por questões biopsicosociais. Para Freire (1974/2015) o objetivo da educação (seja ela escolar ou não escolar) é fazer com que haja uma educação para liberdade. A prática da conversação com este grupo de alunos visou produzir pontos de resistência, pensamento crítico e novas formas de vínculo que vão além da dimensão segregadora e individualista do discurso neoliberal.

Sendo assim, o enfrentamento ao suicídio, neste grupo produziu formas de vínculos que resistam ao modo individualista de uma vida neoliberal. É preciso uma educação dialógica, que reconheça as pessoas como sujeitos e que almeja a construção de laços sociais. Ao possibilitar que jovens falem por si e desse modo sejam ouvidos em uma escuta atenta e ativa, formamos um momento favorável, de modo que as angústias podem ser acolhidas. Tudo isso, leva a um ambiente agradável na escola (mesmo que pequeno), e com isso, a possibilidade de estabelecer conexões e prevenir a ideação suicida.

Referências Bibliográficas

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Traduzido por Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1974/2015.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Tradução Kenia Cardoso. São Paulo. Ed. Elefante, 2021

NEVES, Libéria Rodrigues. **Teatro-conversação na escola: o uso do teatro na conversação como mediador de conflitos na educação**. 2014. 221 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SAFATLE, Vladimir. JUNIOR, Nelson da Silva. DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte. Autêntica, 2020.

OMS, Organização Mundial da Saúde. Departamento de Saúde Mental. Transtornos Mentais e Comportamentais. **Prevenção do suicídio: manual para professores e educadores**. Genebra, 2000.